

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: ESCREVIVÊNCIAS DO FEMINISMO NEGRO NO BRASIL

Rita de Cássia Alves de Lima Silva ¹
Maria Vitória de Lima Batalha ²
Nataly de Almeida Araújo ³
Rafaela Maria de Melo Lins ⁴

INTRODUÇÃO

O debate sobre o feminismo negro, sobretudo no Brasil, é necessário para sinalizar a ausência de uma percepção étnico-racial na sociedade, onde se destaca a constante luta das mulheres negras para alcançar o protagonismo na ocupação de espaços. Neste sentido, ressaltamos a contribuição das mulheres negras para a literatura brasileira que se manifesta desde o período colonial, no qual dispõe a combinação das opressões de classe, raça, cultura e outras formas de discriminação (DUARTE, 2003).

Sob esse prisma, o feminismo negro no Brasil surgiu na década de 70 com o Movimento Mulheres Negras (MMV), a partir da falta de inclusão sociorracial feminista. Do ponto de vista histórico, o feminismo é dividido em quatro ondas: a primeira, é definida pelo direito ao voto - das mulheres brancas; a segunda, é marcada contra a ditadura; e a terceira, corresponde às reivindicações das mulheres por políticas públicas de gênero. No entanto, a primeira onda é precedida por um caráter *libfem*, através de mulheres de elite, porém, na segunda onda já era possível encontrar certo nível de pluralidade, onde o feminismo estava mais vinculado às universidades públicas, mas ainda assim apresentando uma certa inacessibilidade às mulheres pretas, especialmente diante do racismo estrutural. Com isso, a última onda (terceira) é caracterizada pela produção literária realizada por diversas autoras, cujas vertentes eram direcionadas às percepções holísticas (DUARTE, 2003).

Com a massificação das redes e a veiculação das discussões acerca do movimento, foi possível a distinção de diversas vertentes, fator que contribuiu para um fortalecimento da identidade feminista. De acordo com Dutra (2018), esse processo ocasionou uma difusão do movimento e a desconstrução de muitos dos estereótipos negativos atribuídos às feministas.

¹ Pós-graduada em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa pela Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE, rita.alves.lima@outlook.com;

² Estudante do 1º Ano do Ensino Médio do Centro Educacional Ethos -ETHOS, vitoriabatalha20@gmail.com;

³ Estudante do 1º Ano do Ensino Médio do Centro Educacional Ethos -ETHOS, nataly_48@yahoo.com;

⁴ Estudante do 2º Ano do Ensino Médio do Centro Educacional Ethos -ETHOS, linsrafaela2005@gmail.com;



Isso tornou possível que mulheres de diferentes origens, raças, etnias, religiões e classes sociais pudessem conhecer e se reconhecer nas pautas defendidas pelo movimento.

METODOLOGIA

Metodologicamente, optamos por uma pesquisa bibliográfica a partir da leitura e da análise de livros e produções vinculadas aos repositórios do *Google Acadêmico* e da plataforma *Scielo*. Em seguida, trassamos uma discussão acerca da história de luta das mulheres negras no Brasil, direcionando nossa análise acerca da trajetória de vida e de produção literária de Maria da Conceição Evaristo de Brito, popularmente conhecida como Conceição Evaristo.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. A produção literária brasileira e sua negritude

Desde a sua formação, uma considerável parte da literatura brasileira apresenta diversas narrativas que insistem em proclamar, instituir e estabelecer uma diferença negativa às mulheres negras, que são comumente denominadas através de estigmas escravocratas ou com a caracterização de personagens que possuíam poucos anseios pessoais, sendo muitos deles limitados aos interesses de procriar e de proporcionar prazer aos senhores de engenho. Por isso, é importante observar que esses estereótipos eram associados às mulheres negras, especialmente no contexto literário brasileiro, cujos registros podem ser encontrados desde o período da literatura colonial (CAETANO, 2018).

Esse cenário pode ser observado em grandes obras, como “*O Cortiço*”, (1890) de Aluísio de Azevedo, que narra a exploração e a precariedade dos moradores nos cortiços cariocas no século XIX, atribuído características animais à personagem Bertoleza, que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa (CÂNDIDO, 1993). No livro “*A Escrava Isaura*” (1875) de Bernardo Guimarães, o eu lírico apresenta a trama ficcional e não traz uma heroína negra. Na descrição, a senhora aprecia a tez clara da escrava e ainda aparenta congratular a mulher por ter pouco “sangue africano”, dizendo-lhe: “És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano” (GUIMARÃES, 1976, p. 13).

Chegando, enfim, na década de 70, encontramos o processo de abertura da Ditadura Militar no Brasil; durante esse cenário político, o movimento feminista ganha força através das organizações entre várias mulheres, especialmente àquelas dos estados do sudeste que atuavam em prol das questões da anistia aos presos políticos do regime militar, combate à

violência contra a mulher, a luta por direitos trabalhistas e a promoção da saúde das mulheres (CAETANO, 2018). Em contrapartida, o ano de 1975 é marcado pela literatura feminina, onde o movimento passou a ser marcado pelas mulheres do estado do Rio de Janeiro (DE OLIVEIRA COSTA, *et al.*, 2019). Assim, a literatura surgiu como um espaço favorável para a produção e a reprodução simbólica de sentidos, pois:

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente. (MURTIZ, 2001, p. 16).

No início da década de 80, como parte do processo de redemocratização do país, surge finalmente o primeiro órgão do governo destinado a atuar em prol dos direitos das mulheres: o Conselho Estadual da Condição Feminina do Estado de São Paulo (GOLDBERG, 1989). Com isso, a pauta da saúde recebe força para as feministas, como ilustra a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), sendo o primeiro programa governamental direcionado a priorizar o atendimento de saúde das mulheres brasileiras, voltado para o planejamento familiar e à saúde reprodutiva (DAMASCO, 2012).

Neste sentido, uma questão que chama a atenção em relação à saúde reprodutiva é a contraposição. A colisão mais significativa envolveu militantes do Movimento Negro e participantes do Programa de Saúde da Organização não Governamental (ONG) paulista Geledés, que condenava as práticas da esterilização cirúrgica nas mulheres negras por entenderem que gerar filhos seria uma tarefa política, e, portanto, direito delas (GELEDÉS, 1991). Em contraposição, o Geledés e alguns militantes do Movimento Negro Unificado (MNU) de Belo Horizonte afirmavam que a questão dos direitos reprodutivos deveria ser analisada, levando em consideração as necessidades e os desejos das mulheres negras. Assim, uma das metas do Programa de Saúde do Geledés era a regulamentação da prática da esterilização cirúrgica para que essa prática não fosse exercida sem controle e de forma abusiva (CALDWELL, 2007).

Mediante tais embates, o feminismo negro foi se fortalecendo com o aparecimento de ONGs, a saber: Nzinga-Coletivo de Mulheres Negras (RJ), Criola (RJ), Geledés (SP) e Fala Preta (SP), ambas com objetivos voltados ao combate da violência doméstica, discriminação racial e os cuidados da saúde feminina no âmbito. Além disso, o movimento foi impulsionado pela agilidade das ativistas negras, especialmente nas esferas nacionais e internacionais, uma vez que tinham a finalidade de impulsionar as políticas públicas direcionadas às mulheres negras para que conseguissem atingir a participação em eventos significativos, como reuniões

e congressos, buscando contatos com pessoas, instituições e agências diversas (DE OLIVEIRA COSTA, et al., 2019).

2. A representatividade literária através das produções de Conceição Evaristo

Maria de Conceição Evaristo de Brito, popularmente conhecida como Conceição Evaristo, nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Sua infância e adolescência foi marcada pela pobreza e pela miséria, pois a autora foi nascida e criada na comunidade do Pindura Saia, localizada no centro-sul da capital mineira. Sua mãe, Joana Josefina Evaristo, que trabalhava como lavadeira, acabou assumindo a responsabilidade *solo* em sua criação, fazendo com que Conceição Evaristo permanecesse dentre os 6% dos jovens brasileiros que não possuem a presença e a responsabilidade paterna durante a juventude e vida adulta (PEREIRA, 2016).

Alguns anos após o nascimento de Conceição Evaristo, Joana se casa com Aníbal Vitorino e tem mais alguns filhos, sendo três mulheres e cinco homens. Com apenas 7 anos de idade, a autora foi morar com sua tia por parte de mãe, Maria Filomena da Silva, que também trabalhava como lavadeira. Da mesma forma que seus pais sempre estudaram em escola pública, Evaristo fez o mesmo. Desse modo, tal como uma sobrevivente, aos 8 anos de idade começou a trabalhar como faxineira e atuou como governanta enquanto cursava seus estudos secundários pelo Instituto de Educação de Minas Gerais, tendo em vista a carreira de professora. Todavia, na época não existiam concursos em Minas Gerais para professores (SOUZA, 2011).

Assim, Conceição se mudou para o Rio de Janeiro em 1973, onde se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Posteriormente, conciliou os trabalhos na docência, na literatura e na produção de estudos teóricos, concluiu seu Mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio) defendendo a tese intitulada: “*Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade (1996)*”. Depois, conclui o doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF) defendendo, a tese “*Poemas malungos, cânticos irmãos (2011)*”, em que analisou a poesia dos afro-brasileiros Edimilson de Almeida Pereira, Nei Lopes e do angolano Agostinho Neto (SOUZA, 2011).

As primeiras atuações profissionais de Conceição Evaristo aconteceram em algumas escolas públicas do Rio de Janeiro, onde a então professora adquiriu experiência para trilhar na década de 90 uma trajetória como geniosa romancista, poeta, contista e expoente épico da literatura contemporânea nacional. No mesmo período, seis de seus poemas foram incluídos

no volume 13 da coletânea “*Cadernos Negrôs*”, fazendo com que a autora adquirisse uma publicação literária periódica em 1978, espalhando a cultura e a produção literária afro-brasileira nacionalmente. Com isso, muitos dos seus romances, poemas e contos, foram traduzidos para o francês e o inglês, expandindo sua visibilidade internacionalmente. Além da vasta obra teórica, Conceição Evaristo foi finalista do Prêmio Jabuti em 2015 e contemplada, em 2018, com o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra, sendo reconhecida como uma das escritoras mais importantes da contemporaneidade brasileira (SOUZA, 2011).

Os temas ficcionais e poéticos da autora são banhados por diversas fontes, porém, a poética de Evaristo é levada especialmente pelo eu lírico e a representação das vivências das mulheres negras. Não obstante, a escritora criou a expressão “escrevivência” para dar nome ao seu método narrativo: misturando invenção e fato, pois segundo ela, “escrever” é contar uma narrativa a partir de uma realidade (CRUZ, 2017). Dessa maneira, a escrevivência excessivamente sustenta um valor ético ao possibilitar que a autora assuma o espaço de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias referências. Segundo a própria autora “O sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (EVARISTO, s/d, p.7).

Assim, nos textos da escritora, estão presentes os marginalizados, negros e/ou pobres, mulheres, que muito têm a ver com a história da sua vida. Não são textos propriamente autobiográficos, mas resultado de uma experiência de exclusão, da observação de uma realidade brasileira que a escritora transpõe para eles e suas personagens (DE FIGUEIREDO, 2009, p. 56).

Portanto, na escrevivência das mulheres negras encontramos novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria, demarcando uma inovação literária marcada pela posição sociocultural em que Conceição Evaristo se coloca para produzir suas escritas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da produção do conhecimento social, a escrita de Conceição Evaristo se tornou uma opção metodológica analítica por representar metefóricamente as histórias de mulheres que se integram à trajetória da autora como mulher negra. Vimos que as mulheres negras, enquanto participantes do movimento feminista, são usuárias das políticas públicas que se constituem em um contexto de instabilidade estatal, em que os serviços de assistência social foram (e acabam por muitas vezes sendo) constantemente negados. Por isso, Visões centradas nas vozes femininas têm dado maior influência à prática e ao discurso da militância



anti-hegemônica. Além disso, agendas de grupos⁷ dissidentes avançaram nas políticas públicas ao desafiar as políticas estatais, reivindicar os direitos e o acesso das mulheres na discussão das práticas feministas em termos não hegemônicos.

Com isso, as obras de Conceição Evaristo são importantes para a discussão da ética em pesquisa, pois surge como forma de resistência em uma período de intolerância e de frustração severa quanto ao acesso aos direitos fundamentais. Abordar a vida das mulheres negras, não como objetos passivos de estudo, mas como uma força artística, criativa, por meio da escrita literária, é uma forma de apresentá-las como protagonistas de suas (nossas) próprias histórias.

Palavras-chave: Escrivências, Feminismo Negro, Movimento Feminista.

REFERÊNCIAS

- CAETANO, Vívian Marcello Ferreira. **Gênero, condição feminina e relações de poder nas revistas:** Brasil Feminino e Momento Feminino (1930-1950). Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: Histórias e Parcerias, 2018.
- CALDWELL, Kia. **Negras no Brasil: repensando as mulheres negras, a cidadania e as políticas de identidade.** Rutgers University Press, 2007.
- CÂNDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. **O discurso e a cidade**, v. 3, p. 105-129, 1993.
- DAMASCO, Mariana Santos; MAIO, Marcos Chor; MONTEIRO, Simone. **Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993).** Revista Estudos Feministas, v. 20, p. 133-151, 2012.
- DE OLIVEIRA COSTA, Albertina et al. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto.** Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** Estudos avançados, v. 17, p. 151-172, 2003.
- DUTRA, Zeila Aparecida Pereira. **A Primavera das mulheres: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas.** Revista Feminismos, v. 6, n. 2, 2018.
- GELEDÉS--INSTITUTO DA MULHER NEGRA. PROGRAMA DE SAÚDE. **Esterilização: impunidade ou regulamentação?**. Geledés--Instituto da Mulher Negra, Programa de Saúde, 1991.
- GOLDBERG, Anette. **Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político.** BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, n. 28, p. 42-70, 1989.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**, 6ª ed., São Paulo: Ática, 1976, p.13.
- MUZART, Zahidé L. **Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar.** In: Anais do IV Seminário Internacional de História da Literatura. Rio Grande do Sul: PUC/RS, 2001.
- PEREIRA, Rodrigo da Rosa. **Perspectiva femininas afro-brasileiras em cadernos negros (contos): Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves.** 2016.
- SOUZA, Adriana Soares de et al. **Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo.** 2011.